

Médicos e católicos, cem anos da Associação dos Médicos Católicos Portugueses:  
Comemorar, celebrar, comprometer-se

Há 100 anos um grupo de médicos que se declaravam católicos, isto é universais na fé e no serviço, reuniu-se sob a égide e o impulso de D. António Barroso, Bispo do Porto e missionário por vocação e pela prática, a fim de fundar esta mesma Associação, que chamamos nossa e queremos que seja de muitos mais. Este momento fundacional merece que nos detenhamos um pouco nas suas circunstâncias.

Recordemos: em 1915 a guerra na Europa Ocidental entra em mortífera suspensão de ganhos territoriais, mas a leste inicia-se a derrocada do Império Russo; em Portugal sucedem-se no poder o general Pimenta de Castro, Teófilo Braga, Bernardino Machado. É certo que neste mesmo ano Einstein publica o seu breve trabalho sobre a relatividade, que Chagal e Picasso expõem, enquanto Alban Berg, Sibelius, Richard Strauss compõem obras imortais, mas o ambiente é de tragédia e iminente desastre. Entre nós, para além da instabilidade política, o anti-clericalismo e o laicismo virulento estão ainda bem vivos – D. António Barroso estivera preso e proibido de exercer o seu múnus episcopal. Mas é nesta situação de crise que o Bispo entende ser particularmente importante corresponder ao apelo de Leão XIII e fomentar a criação de grupos profissionais de leigos empenhados na construção de uma sociedade que respeite valores fundamentais cristãos. Ou seja, a AMCP nasce em época de séria crise nacional e global. Daí que não pareça despropositado lembrar que, embora de outra natureza e de fisionomia felizmente menos trágica, é de crise a época em que a AMCP inicia o seu segundo século.

Foi o início de actividades da AMCP difícil e escasso o reflexo na sociedade e até no meio eclesial. Dispersão geográfica (nascida no Porto, com o presidente em Serpa e um núcleo activo em Lisboa, a Associação não tinha probabilidades de imprimir uma marca visível), ausência de uma orientação e de um programa ideológico, a crónica debilidade económica a travar iniciativas, a Associação parecia condenada à efemeridade que fere tantas iniciativas generosas, uma vez desaparecido o entusiasmo inicial ou desvanecido o carisma de um fundador ou animador. Mas tal não aconteceu, sobretudo a partir da criação de um órgão que passasse a coligir textos e doutrina,

desse notícias das actividades próprias, bem como das de associações congéneres de outros países e relatasse as iniciativas de vários grupos diocesanos. Foi o que aconteceu com a criação de “Acção Médica”, a nossa notável revista, que nos seus 80 anos de existência nunca suspendeu a publicação e em que se encontram notáveis contributos de alguns dos mais alevantados espíritos e intelectos de médicos e académicos portugueses. Neste momento, Acção Médica é a decana da imprensa médica portuguesa, uma vez que revistas mais antigas desapareceram ou passaram por longos anos de silêncio.

Se manter viva e interventiva uma revista de declarada natureza confessional no mundo da medicina não é tarefa fácil, como o prova, infelizmente, o naufrágio de algumas congéneres europeias, esta não é a única façanha de que nos poderíamos orgulhar (se o nosso sentir nos permitisse sequer o orgulho). De facto, outros importantes aspectos justificam a longevidade e a juventude da Associação.

Parece justo destacar, entre estes, a estrutura flexível, com núcleos diocesanos gozando de grande autonomia, organizando encontros, sessões de diálogo, conferências públicas sobre os temas que se afiguram mais importantes para a comunidade local, com a colaboração, se solicitada, da Direcção nacional.

Eventos de grande significado e de repercussão global foram os dois Congressos mundiais levados a cabo em Lisboa e no Porto, bem como os de âmbito europeu, um realizado em Lisboa / Fátima e o segundo já programado para o próximo ano, no Porto. Nestas grandes reuniões das federações internacionais, a presença portuguesa fez-se sentir de forma marcante e a organização sem falhas, e com orçamentos obviamente modestos, representou uma prova indiscutível da capacidade de mobilização e administração da nossa Associação.

Por outro lado, não esquecendo nunca a sua característica genética de filha da Igreja, a Associação, através dos seus núcleos ou a nível nacional, não deixa de organizar retiros ou reuniões espirituais, para propiciar momentos de reflexão e ocasiões de aprofundamento da fé dos seus membros.

Se nos recordamos das palavras admonitórias de Tiago e de Paulo, segundo as quais é vã a fé sem obras, pois são estas as que dão testemunho daquela, devemos interrogar-nos sobre quais as obras concretas dos associados e das associadas, quando não da própria Associação. Impossível a tarefa de as descrever, até por muitas estarem

ocultas sob a modéstia ou o pudor dos que as realizaram: participação em ou criação de serviços médicos a marginalizados, toxicodependentes, reclusos, mães solteiras, crianças abandonadas ou deficientes, idosos, a todo um cortejo de vulnerados e ignorados, eis o que sabemos ter sido feito e continuar a ser feito por tantos de nós. Mas algumas destas acções escapam ao anonimato, dada a sua natureza pública e à presença institucional da Associação como dialogante com estruturas parceiras ou como elemento aglutinador de generosidades individuais e ainda como figura institucional aceite por autoridades civis e administrativas. Merecem ser referidas, neste apartado, iniciativas que partiram de associados ou foram sobretudo realizadas graças à sua total disponibilidade e generosa entrega. Como exemplos apenas, citemos:

- . a já muito longa ajuda médica prestada a caminheiros e orantes de Fátima, por vezes em extenuantes condições de intervenção e trabalho, com alegre sacrifício de fins de semana, de descanso e de convívio familiar;

- . a sustentada acção humanitária levada a cabo durante anos consecutivos na diocese de Lichinga (Moçambique), com equipas voluntárias de medicina e enfermagem, em duríssimas condições materiais e com notável impacto na saúde, sobretudo materno-infantil, benefício esse reconhecido pela autoridade episcopal mas também pelo Governo de Moçambique;

- . a ajuda prestada à saúde da mulher em Timor, em instável situação político-militar, com intervenção especializada e conseqüente e que culminou na criação de uma Maternidade modelar e salvação de vidas fetais e maternas.

Em qualquer dos exemplos referidos evitei referir nomes, que estão presentes no nosso espírito e a quem presto homenagem, também expressa pelo silêncio respeitador da sua discreta humildade.

Parece pois plenamente justificado o primeiro tempo da tríade de verbos que me atrevi a juntar no título desta comunicação. É mais que razoável que se comemore o facto de uma associação laical se aprestar para, com boa saúde e segura dedicação, enfrentar os desafios de um segundo século de vida.

Já o segundo andamento, o de celebrar, implica uma afectiva, quase poderia dizer amorosa, ligação ao fasto que se evoca. Sim, celebramos este centenário de forma jubilosa e imensamente grata, lembrando o enorme capital de dedicação, entrega e

sacrifício que tantos aportaram a este projecto vivo, tornando possível a presença, o testemunho e a acção a que tão brevemente aludimos acima. Sim, é sem absurda auto-complacência e sem vã glória que celebramos, mas fazemo-lo com serena auto-estima enquanto Associação e profunda convicção de que nada fizemos nem podemos fazer senão em nome e sob a protecção do Senhor. Celebramos, pois, como médicos e católicos, ou seja, sabendo que a nossa vocação e a nossa irrecusável tarefa é a de sermos médicos competentes, sabedores, compassivos, sempre preparados par ver no rosto do Outro a própria definição do nosso ser, como ensinou Lévinas, mas por esse rosto ser o de Cristo sofredor. Nesse sentido, falamos de médicos e católicos, já que se trata de fiéis comuns, em tudo iguais a quaisquer outros, que todavia exercem a profissão médica, com as mesmas exigências que são postas aos outros colegas, mas dando as respostas que a sua condição de discípulos de Cristo lhes impõe.

E é desta particular condição que parto para o terceiro verbo desta intervenção: comprometer-se. Em época de crise e de dificuldades, não será certamente suficiente o regozijo pela obra feita, nem a esperança de manutenção da vitalidade e validade institucional. Necessário se torna o comprometermo-nos, individualmente e como associação, à acção, como resultado da ponderação e da decisão. Ver, julgar e actuar, como se ensina na Acção Católica; no nosso caso, conhecer a realidade do país e da saúde, dilucidar o rumo certo, empenharmo-nos na obtenção das respostas justas. Isto significa, entre outras coisas muitas, que sem descurarmos a tenaz e convicta defesa da vida humana, no arco que vai da concepção até à morte natural, tanto mais urgente quanto se divisam já os contornos de uma campanha para a legalização da eutanásia, sob o eufemismo desvirtuante de morte assistida, isto significa, dizia eu, que a nossa voz tem de ser ouvida no debate sobre temas como a sustentabilidade do SNS, os cuidados de saúde primários, a racionalização das terapêuticas, o plano de saúde mental, os cuidados paliativos e continuados, já que nestas áreas, como em outras, aspectos como a dignidade das pessoas, a equidade nos tratamentos e a justiça na alocação de meios e no acesso a cuidados são de fundamental importância para quem crê na radical igualdade e fraternidade dos filhos de Deus. Essa nossa voz, serena, não estridente, bem fundamentada, tem de ser ouvida, não para prestígio nosso mas para exercício do nosso dever de contribuirmos para o maior bem da comunidade.

Ora, para que assim aconteça, necessitamos de termos número, qualidade e compromisso. É certo que tem sido evidente o crescimento da Associação nos últimos anos, mas o escasso milhar que somos está certamente muito aquém da representação da confissão católica nos 40 000 médicos portugueses. Também temos de explicar aos médicos e médicas católicos por que razão a fé em que vivem e trabalham justifica a inscrição na Associação, que tem de definir com clareza e verdade os seus objectivos e metodologia. Há 50 anos, o director da Acção Médica dizia, por outras palavras, o mesmo que agora exprimo; temos que por fim a esta inquietação. Como o conseguiremos, que estratégias devem ser delineadas para atingir certos e bem identificados objectivos, tudo, isso, que é essencial, diz respeito ao futuro; ora é evidente que a análise e as propostas para o futuro não são da competência de anciãos como eu. Assim acontece no tear da vida, tal como acontece na programação desta sessão, em que tão significativa tarefa fica entregue a quem, pela juventude e pela inteligência, pela dedicação e pelo estudo, particularmente está apta para a tarefa. Mas tal não me dispensa de afirmar, para concluir, que me ocupei do passado tão somente por nele divisar as raízes do futuro; como tão bem definiu o mago de Weimar – Goethe -, “só se dedica à crónica quem se interessa pelo futuro”.

Walter Osswald

07/11/2015